

Pontos do Programa:

II. Os Documentos e a cultura de sua época

II.1 Da cultura escrita latina até os primeiros documentos em português

Bibliografia Específica

- 📖 CASTRO, Ivo. Introdução à História do Português. Lisboa: Edições Colibri, 2004. 2a ed, 2006.
- 📖 CASTRO, Ivo. A primitiva produção escrita em português. Orígenes de las lenguas romances en el Reino de León. Siglos IX-XII, León, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 2004, vol. II, p. 69-97.9
- 📖 CASTRO, Ivo. Curso de história da língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- 📖 TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1997. [Capítulo 1: Do latim aos primeiros textos do galego-português.]

I. Contexto da produção primitiva portuguesa (cf. aula 3)

1. Noção de *Romania*

2. Do “Latim Vulgar” às “Línguas Românicas”

- A Importância do latim escrito na formação das línguas românicas ocidentais
- A Unidade lingüística da România Ocidental
- O Rigor na Reconstrução do Latim Vulgar do Império Romano

3. A documentação primitiva e o território inicial da língua portuguesa

3.1. Dos "Romances" às "Línguas Românicas"

Castro 2006:54

"Falar latim era **latine** ou **romane loqui** no latim clássico, mas no fim do Império apareceram as expressões **romanice parabolare** e **romanice fabulare**, 'falar à moda de Roma, nem exactamente em latim nem em língua de bárbaros'. Isso corresponde à situação de transição que se viveu na Europa Ocidental no período que medeia entre o Império e os estados medievais. Quando estes se constituíram e adquiriram nomes próprios, a designação geral de România foi perdendo parte da sua razão de ser". (cf. aula 3)

3.2 "Formação de um espaço nacional para a língua portuguesa" (Castro 2006:68-81)

- Os romances ibéricos: a fronteira norte/sul e a fronteira ocidente/oriente
- O ocidente setentrional: a área do galego-português
- O oriente meridional: o romance moçárabe
- A importância da reconquista

- Fronteira esquemática mais importante do domínio dialetal português:

- supressão do /l/ e /n/ latinos intervocálicos
- manutenção das vogais breves latinas sem ditongação

exs.

- manu > mão, malu > mau

- terra, cova, pedra (vs. tierra, cueva, piedra) (cf. Ficha: Ciclos do Português)

II. ANÁLISE DE DOCUMENTOS

(I) Documentos notariais e de chancelaria.

[1.1] Documentação anterior ao século XIII

[1.2] Documentação primitiva do português: séc. XIII, *Notícia de Torto*.

(i) *Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Notícia de Torto. Ordem de São Bento, Mosteiro do Salvador de Vairão, mc. 2, doc. 40. 1 doc. (313 x 170 mm); perg. PT/TT/MSV/003/0002/00040*



Exame inicial da *Notícia de Torto*:

"Essa titubeante invenção do escrever português":

Ivo Castro, (2004:22 e ss):

"... embora na chancelaria real portuguesa ainda continuasse durante mais meio século a ser observado o costume de escrever em latim os documentos formais, destinados a assumir carácter oficial e a perdurar no tempo (costume quebrado no caso do testamento de 1214, por razões que os historiadores um dia encontrarão), já era uso, no início do séc. XIII, escrever em português certos textos de carácter efêmero, tais como apontamentos, mensagens pessoais, rascunhos, minutas, que pela sua natureza muito poucas possibilidades tinham de sobreviver, ou de carácter informal, como a notícia, que mesmo quando sobrevive é difícil de situar cronologicamente. Em tais exercícios se adestraram os escribas da casa real para escrever em português. Aqui abre-se uma perspectiva aliciante, que não tenho possibilidade de explorar neste trabalho: a caracterização da "ortografia individual" de cada escriba talvez permita vislumbrar a proveniência do seu aprendizado e determinar se aprenderam a escrever romance em ambientes de influência castelhana ou leonesa. (...)

Um desses textos informais ou efêmeros, contudo, chegou até nós. A *Notícia de Torto* tem sido considerada pela maioria dos autores uma minuta portuguesa de documento que, em forma limpa e final (mundum), seria escrita em latim. Por acidente histórico não explicado, foi a minuta que sobreviveu e não o produto final, se esse chegou a existir".(...)

"... o escriba era mais um leitor que um profissional da escrita e não tinha, para todos os problemas, soluções gráficas adquiridas e enraizadas, ao contrário dos seus contemporâneos da chancelaria real. Deixava-se guiar pela análise que caso a caso ia fazendo do que ouvia, do que lhe era ditado. Daí grande parte do seu interesse para o linguista, porque a espontaneidade e a hesitação da sua mão deixam entrever factos da língua oral que um escriba habitual e formal teria filtrado e que se tornam, assim, naqueles momentos raros em que vemos ,falar' um documento antigo. O seu recurso às grafias de /d|/, por exemplo, constitui um precioso testemunho de que este fonema ainda existia no português de inícios do séc. XIII"

"Esta caracterização não deveria surpreender: o escriba da *Notícia de Torto* não trabalhava para o rei de Portugal, nem para um comendador da ordem do Templo, mas para um fidalgo arruinado do Minho, Lourenço Fernandes da Cunha, que não possuía chancelaria, nem escriba decente ou profissional, mas apenas aquilo a que hoje chamamos uma ,mão inábil. Essa titubeante invenção do escrever português, essa escrita não totalmente formada e adquirida, é fascinante em si mesma e, por contraste, põe em destaque quanto a prática dos copistas da corte era adquirida, longa e hábil".

[1.3] Documentação de chancelaria (séc. XIII): *Testamento de D. Afonso*

(a) *Testamento de D. Afonso. Reprodução do Manuscrito, em MARTINS, Ana Maria. Emergência e generalização do português escrito: de D. Afonso Henriques a D. Diniz. Em: Caminhos do Português: exposição comemorativa do ano europeu das línguas - Catálogo. Biblioteca Nacional (org). Lisboa: BN, 2001 (1ª edição).*

(b) *Edição em CASTRO, Iva. Curso de história da língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1991. (abaixo)*



Ms. Lisboa

[23-25] E ssi a dia de mia morte meu filio ou mia filia que no | meu **logar** ouuer a reinar **nõ** ouuer reuora, mãdo **aqueles** caualeiros que os castelos téen de mi en'as terras que de mi **téem** os meus **riquos** oméés que os den a esses meus **riquos** oméés que essas terras **teiuere**. E os meus **riquos** oméés den'os a meu filio ou a mia filia que no | meu **logar** ouuer a reinar quando ouuer reuora, assi como os **dariã** a mi.

[25-27] E **mandei** fazer treze cartas cū aquesta tal una **come** outra, que per elas toda mia mãda **segia conprida**, das quaes ten una o arcebispo de Bragaa, a outra o arcebispo de Santiago, a terceira o arcebispo | de Toledo, a quarta o bispo do **Portu**, a quinta o de **Lixbona**, a sexta o de **Coïbria**, a septima o d'Euora, a octaua o de Uiseu, a **nouea** o maestre do Têplo, a **dezima** o prior do Espital, a **undezima** o prior de Santa Cruz, a duodecima o abade d'Alcobaza, a tercia **dezima facer guarda[r]** en | mia reposte.

Ms. Toledo

[32-35] E **se dia da** mia morte | meu filio ou mia filia que no meu **logo** ouuer a reinar **nũ** ouuer reuora mãdo **áaqueles** caualeiros que os castelos téen de mi en'as terras que de mi **téem** os meus **ricos** oméés que os | den a esses meus **ricos** omees que essas terras **teiueren**. E os meus **ricos** oméés den'os a meu filio ou a mia filia que no meu **logo** ouuer a reinar quando ouuer reuora assi como os **da|rian** a mi.

[35-37] E **mãdei** fazer treze cartas cū aquesta tal una **como a** outra que per elas toda mia mãda **seia conprida**, das quaes ten una o arcebispo de Bragáá, a outra o arcebispo de Santiago, a terceira | o arcebispo de Toledo, a quarta o bispo do **Porto**, a quinta o de **Lisbona**, a sexta o de **Coïbra**, a septima o d'Euora, a octaua o de Uiseu, a **nona** o maestre do Têplo, a **decima** o prior do Espital, a **ũdeci|ma** o prior de Santa †, a duodecima o abade d'Alcobacia, a tercia **decima faco eu aguardar** en mia reposte.

III. Pontos essenciais de fonética histórica

1. Principais mudanças fonéticas – do latim ao português (consoantes)

1.1 Processos no quadro das palatais e sibilantes

Ivo Castro (2004):

O latim depositou no galego-português, em todo território, uma distinção entre as sibilantes provenientes do *s* latino, consoante que era apenas surda mas que, na evolução posterior do latim falado, se desdobrou numa correspondente sonora, igualmente grafada com *s*, mas que corresponde ao fonema /z/ quando se encontra em posição intervocálica. Este par, de /s/ surdo e /z/ sonoro, era articulado durante o português medieval como fricativo ápico-alveolar, possivelmente pouco palatalizado. Por outro lado, no português medieval havia um par de consoantes derivadas de vários sons latinos, mas principalmente do *c*, pronunciado /k/. Esta consoante, quando seguida de vogal palatal [e] ou [i], transformara-se numa africada palatal [tʃ], (...), a qual despalatalizou para uma africada predorso-dental [ts], por sua vez desdobrada numa correspondente sonora [dz]. No português medieval, este par [ts]/[dz], que correspondia às grafias *c* e *z*, com a variante *ç* para as surdas, sofreu um desfricamento (com perda do elemento oclusivo), e foxou-se no par de fricativas predorso-dentais /s/ e /z/, fonologicamente distintas das ápico-alveolares (...). Assim, era muito fácil distinguir pela pronúncia e pela escrita as palavras *servo* (criado) e *coser* (costurar) de *cervo* (veado) e *cozer* (cozinhar). Enquanto as primeiras tinham pronúncia apical, as sibilantes de *cervo* e *cozer* eram predorsais.

Paul Teyssier (1997):

As consoantes: a palatalização — Entre as inovações fonéticas do latim imperial, algumas terão conseqüências importantíssimas. É o caso da palatalização. Nos grupos escritos *ci*, *ce* e *gi*, *ge*, as consoantes *c* e *g* pronunciavam-se em latim clássico como as iniciais das palavras portuguesas *quilha*, *queda eguizo*, *guerra*, ou seja, eram oclusivas velares. Mas em latim imperial o ponto de articulação destas consoantes aproximou-se do ponto de articulação das vogais *i* e *e* que se lhes se guiam, isto é, da zona palatal, levando à pronúncia: [kyi], [kye] e [gyi], [gye]. Esta palatalização iniciou-se já na época imperial em quase toda a România e iria ocasionar modificações importantes: [kyi], [kye] passaram a [tʃi], [tʃe] e, finalmente, a [tsi], [tse]; ex.: *ciuitātem* > port. *cidade*, *centum* > port. *cento*, reduzido a *cem*. Para os grupos *gi*, *ge* o resultado da palatalização será inicialmente um *yod* puro e simples [y] que desaparece em posição intervocálica; ex.: *regina* > port. *rainha*, *frigi dum* > port. *frio*. Mas, em posição inicial, este *yod* passa a [dʒ]; ex.: *gente* (donde o *g* representa na Idade Média [dʒ]). O *yod* inicial saído de *gi*, *ge* confundiu-se, pois, com o que provinha diretamente do latim clássico e que, naturalmente, também deu [dʒ]; ex.: *iulium* > port. *julho*. Em galego-português medieval os grupos *gi*, *ge* e *ju* eram pronunciados em todas estas palavras [dʒi], [dʒe] e [dʒu]. Em várias outras palavras um *i* ou um *e* não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados *yod* em latim imperial; ex.: *pretium*, *platea*, *hodie*, *video*, *facio*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatalizaram em [tʃy] e [dʃy], [lh] e [nh]. Para os grupos [ky], [gy], ex.: *facio*, *spongia*, a palatalização chega inicialmente a [tʃy] e [dʃy], mas os resultados definitivos serão complexos, pois dependerão da posição na palavra e do caráter mais ou menos popular dessa palavra. Ter-se-á, por exemplo, *pretium* > port. *preço*, *pretiare* > port. *prezar*, *platea* > port. *praça*, *hodie* > port. *hoje*, *medium* > port. *meio*, *video* > port. *vejo*, *facio* > port. *faço*, *spongia* > port. *esponja*. Em galego-português medieval as letras *c*, *ç* e *j* representavam, respectivamente, em todas estas palavras, as africadas [ts], [dz] e [dʒ]. Na origem destas transformações fonéticas há sempre, em latim imperial, uma palatalização. Quando o *yod* proveniente de *i* e *e* em hiato vinha de pois de *-ss-*, esta consoante passou a [ʃ] transcrito pela letra *x*; ex.: *rūssēum* > *roxo*. Finalmente, quando *l* ou *n* eram seguidos de um *yod*, originário de *i* e *e* em hiato, estas consoantes passaram a [lh] e [nh] palatais ou “molhados”; ex.: *filium* > port. *filho*, *seniorem* > port. *senhor*, *teneo* > port. *tenho*. Como podemos verificar, estes de palatalização, iniciados já na época imperial tiveram conseqüências importantes no sistema fonológico da língua. Como resultado, o galego-português medieval apresentava seis fonemas novos: /ts/; /dz/; /dʒ/; /ʃ/; /lh/; /nh/.

Palatalização – Quadro de exemplos:

| <i>Latim</i> | | <i>Português padrão, séc. XVI</i> | | | |
|--------------|----------------|-----------------------------------|------------|-------------|--------------|
| /-s-/ | | > /z/ | | <s> | |
| causa | | > cau/z/a | | causa | |
| rosa | | > ro/z/a | | rosa | |
| pausare | | > pou/z/ar | | pousar | |
| /-k-/ | | > /z/ | | <z> | |
| acetu | | > a/z/edo | | azedo | |
| medicina | | > me/z/inha | | mezinha | |
| luce | > lu/z/e | > lu/z/ | | luz | |
| radice | > rai/z/e | > rai/z/ | | raiz | |
| voce | > vo/z/e | > vo/z/ | | voz | |
| pace | > pa/z/e | > pa/z/ | | paz | |
| /k-/_i | | > /s/ | | <c> | |
| ciuitatem | > /ts/idade | > /s/idade | | cidade | |
| /k-/ | | > /tj/ | | > /s/ | |
| centu | > [tj]ento | > [ts]ento | | > /s/ento | cento |
| cista | > [tj]esta | > [ts]esta | | > /s/esta | cesta |
| /-k-/ | | > /tj/ | | > /ts/ | |
| facere | > fa[tj]ere | > fa[ts]er | > /dz/ | > /z/ | <z> |
| | | | > fa[dz]er | > fazer | fazer |
| /-k_j-/ | | > /tj/ | | > /s/ | |
| facie | > fa[tj]e | > fa[ts]e | | > fa/s/e | <c>_e/i; <ç> |
| facio | > fa[tj]o | > fa[ts]o | | > fa/s/o | face |
| | | | | | faço |
| /ti/ | | > /ts/ | | > /s/ | |
| fortia | > for[ts]a | > for/s/a | | | <ç> |
| pretium | > pre/ts/um | > pre/s/o | | | força |
| platea | > pra/ts/a | > pra/s/a | | | preço |
| | | | | | praça |
| /t/ | | > /tj/ | | > /ts/ | |
| pretiare | > pre/tj/ar | pre/ts/ar | > /dz/ | > /z/ | <z> |
| | | | pre/dz/ar | pre/z/ar | prezar |
| /-di-/ | | > /dz/ | | > /ž/ | |
| hodie | > ho/dz/e | > ho/dž/e | | > ho/ž/e | <j> |
| video | > v(e)/dz/o | > v(e)/dž/o | | > ve/ž/o | hoje |
| spongia | > (e)spon/dz/a | > (e)spon/dž/a | | > espon/ž/a | veja |
| | | | | | esponja |

1.2.1 Sobre os grupos consonantais

Grupos iniciais pl-, cl-, e fl- > *ch* ([tʃ]) — Estes grupos iniciais sofreram, num primeiro momento, uma palatalização do *l*, fenómeno que se produziu numa vasta zona que compreendia o galego-português, o leonês e o castelhano, e ainda um pequeno território situado entre a Catalunha e Aragão. Em castelhano, a consoante inicial caiu posteriormente, tendo restado o *l* palatal, transcrito *ll*; ex.: *plaga* > cast. *llaga*, *clave* > cast. *llave*, *flamma* > cast. *llama*. O mesmo aconteceu na parte oriental do leonês. Tod em galego-português e em leonês ocidental a evolução foi mais profunda: a consoante inicial seguida de *l* palatal deu origem à africada [tʃ], que foi transcrita em galego-português por *ch*, donde, para os três mesmos exemplos, *chaga* ([tʃaga]), *chave* ([tʃave]) e *chama* ([tʃama]). (...)

| | <i>Latim</i> | <i>Galego-português</i> | <i>Castelhano</i> |
|-----|--|---|---|
| Pl- | <i>plenu-</i> <i>planu-</i> <i>plicare</i> | <i>chêo</i> <i>chão</i> <i>chegar</i> | <i>lleno</i> <i>llano</i> <i>llegar</i> |
| Cl- | <i>clamare</i> | <i>chamar</i> | <i>llamar</i> |
| Fl- | <i>flagrare</i> | <i>cheirar</i> | (não atestada) |

1.2 Processos no quadro das “Nasais”

(1) “Queda” de [n] intervocálico (precedida de assimilação regressiva do traço nasal?):

| | | |
|--------|-----------|---------|
| CORONA | > *CORŌNA | > CORŌA |
| SENO | > *SĒNO | > SĒO |
| VERANU | > *VERĀNO | > VERĀO |
| LANA | > *LĀNA | > LĀA |
| VINO | > *VĪNO | > VĪO |

(2) Mudanças posteriores

(séculos XI a XII, segundo Teyssier)

(a) > perda do traço nasal

| | | | |
|----------|------------|----------|---------|
| CORONA | > *CORŌNA | > CORŌA | > COROA |
| luna | > *lŭna | > lŭa | > lua |
| tenere | > *tĕner | > tĕer | > ter |
| arena | > *arĕna | > arĕa | > areia |
| generale | > *gĕneral | > gĕeral | > geral |
| moneta | > *mŏneda | > mŏeda | > moeda |
| bona | > *bŏna | > bŏa | > boa |

> perda do traço nasal > epêntese de /i/ (terminação latina -eno/a)

| | | | | |
|------|---------|--------|-------|--------|
| SENO | > *SĒNO | > *SĒO | > SEO | > SEIO |
| vena | > *vĕna | > vĕa | > vea | > veia |

(b) > conservação do traço nasal e...

> manutenção do encontro vocálico - ditongos (terminação latina -anu, -ane, -one):

| | | |
|----------|--------------|-----------|
| VERANO | > *VERĀNO | > VERĀO |
| pane | > *pānes | > pāes |
| mansione | > *mansiōnes | > mansões |

> fusão com a tônica anterior:

| | | | |
|----------|-----------|---------|---------|
| LANA | > *LĀNA | > LĀA | > LĀ |
| mattiana | > *maçāna | > maçāa | > maçã |
| lana | > *lāna | > lāa | > lã |
| sonu | > *sŏno | > sŏo | > som |
| donu | > *dŏno | > dŏo | > dom |
| unu | > *ŭnu | > ŭu | > um |
| jejunu | > *jeiŭnu | > jeiŭu | > jejum |
| bene | > *bĕne | > bĕe | > bem |

> palatalização (terminação latina -ino/a):

| | | | |
|--------|-------------|---------|-----------|
| VINO | > *VĪNO | > VĪO | > VINHO |
| farina | > *farĭna | > farĭa | > farinha |
| molinu | > *mo(l)ĭno | > moĭo | > moinho |

N.B.: "Fora destes casos, o -n- se explica por reconstituição (menos < meos, feno < feo, pena < pea); por influência literária (diácono < diago, cônego < cooigo); por introdução culta (fortuna, ameno, sereno, ruína)" (Coutinho, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.)

1.3 Resumo "Cronológico" das mudanças selecionadas

cf. Coutinho, Mattos & Silva, Teyssier
cf. ficha - "idos do português

| | <i>(latim)</i> | Hipóteses de mudanças anteriores à documentação escrita | I Associadas ao período de documentação escrita inicial (séc. XIII) | II Associadas à documentação clássica (XVI) | <i>grafias modernas</i> |
|---|--|---|---|---|---|
| [n] intervocálico latino | LANA VERANU | > *[l̥ã]a > *ver[ã]o | > l[ã]a > ver[ã]o | > l[ã] > ver[ã]o | <i>lã</i> <i>verão</i> |
| [l] intervocálico latino | DOLORE | | > do[_]or | > do[_]r | <i>dor</i> |
| Palatalizações de velares e dentais latinas | | | | | |
| [k]_i,e > *[tj] > [tʃ] > [s] | [k] , CIVITATE CENTO | >*[tj], *[tj]dade, *[tj]ento | > [tʃ], [tʃ]idade [tʃ]ento | > [s], [s]idade [s]ento | <c>, <i>cidade</i> <i>cento</i> |
| [g]_i,e > *[dj] > [dʒ] > [ʒ] | [g] , GENTEM | >*[dj], *[dj]ente | > [dʒ], [dʒ]ente | > [ʒ], [ʒ]ente | <g>, <i>gente</i> |
| [t]_i,e > *[tj] > [tʃ] > [s] *[dj] > [dʒ] > [ʒ] | [t] , PRETIUM PRETIARE | >*[tj], *pre[tj]um >*[dj], *pre[dj]are | > [tʃ], pre[tʃ]o > [dʒ], pre[dʒ]ar | > [s], pre[s]o > [ʒ], pre[ʒ]ar | <ç>, <i>preço</i> <z>, <i>prezar</i> |
| [d]_i,e > *[dj] > [dʒ] > [ʒ] | [d] , HODIE | >*[dj], *ho[dj]e | > [dʒ], ho[dʒ]e | > [ʒ], ho[ʒ]e | <j>, <i>hoje</i> |
| Palatalizações de sibilantes latinas: | | | | | |
| [s]_y > [ʃ] [s]_e > [j] | [s] , BASYUM RUSSEUM | | > [ʃ], bei[ʃ]o > [j], ro[j]o | > [ʃ], bei[ʃ]o > [j], ro[j]o | <j>, <i>beijo</i> <x>, <i>roxo</i> |
| Palatalizações de grupos consonantais latinos | | | | | |
| [p] > *[pʲ] > [ɸ] > [j] [k] > *[kʲ] > [ɸ] > [j] [f] > *[fʲ] > [ɸ] > [j] | [p] , PLUVIA [k] , CLAMARE [f] , FLAMMA | > *[pʲ], *[pʲ]uvia > *[kʲ], *[kʲ]amare > *[fʲ], *[fʲ]amma | > [ɸ], [ɸ]uva [ɸ]amar [ɸ]ama | > [j], [j]uva [j]amar [j]ama | <ch>, <i>chuva</i> <i>chamar</i> <i>chama</i> |
| Rotacismo de grupos consonantais latinos | | | | | |
| [p] > [pr] > [pr], [pʲ] [cl] > [cr] > [cr], [pʲ] [fl] > [fr] > [fr], [pʲ] | [p] , PLACERE [k] , CLAVU [f] , FLACCU <i>mas</i> S IMPLICE C LEMENTIA F LOCCU | | > [pr], [pr]azer > [cr], [cr]avo > [fr], [fr]aco <i>mas</i> > sim[pr]iz > [cr]emencia > [fr]oco | [pr]azer [cr]avo [fr]aco <i>mas</i> > sim[pl]is > [cl]emencia > [fl]oco | <pr>, <i>prazer</i> <cr>, <i>cravo</i> <fr>, <i>fraco</i> <pl>, <i>simples</i> <cl>, <i>clemência</i> <fl>, <i>floco</i> |

cf. ANEXOS

Anexo 1: Apontamentos de fonética histórica:

Anexo 2: Análise da “Notícia de Torto”: